JEAN STAROBINSKI

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

A TRANSPARÊNCIA E O OBSTÁCULO

Seguido de
SETE ENSAIOS SOBRE ROUSSEAU

Tradução:
MARIA LÚCIA MACHADO

COMPANHIA DAS LETRAS

às custas de sua saúde, de seu vigor e, algumas vezes, de sua vida".[147] Essa singular similitude de termos nos mostra o que Rousseau encontrava em Thérèse: alguém que ele pudesse facilmente identificar à sua própria carne, e diante de quem não precisasse jamais se colocar o problema do *outro*. Thérèse não é a parceira de um diálogo, mas a auxiliar da existência física. Junto das outras mulheres, Rousseau busca o momento miraculoso em que a presença do corpo não é mais um obstáculo; mas, em Thérèse, encontra um corpo que nem sequer é um obstáculo.

7

OS PROBLEMAS DA AUTOBIOGRAFIA

"Quem sou eu?" A resposta a essa pergunta é instantânea. "Sinto o meu coração."[1] Tal é o privilégio do conhecimento intuitivo, que é presença imediata para si mesmo, e que se constitui inteiramente em um ato único do sentimento. Para Jean-Jacques, o conhecimento de si não é um problema, é um dado: "Passando minha vida comigo, devo conhecer-me".[2]

Sem dúvida, o ato do sentimento que funda o conhecimento de si não tem jamais o mesmo conteúdo. Em cada nova circunstância, ele é irrefutável, é a própria evidência. A cada vez o conhecimento de si está em seu começo, a verdade vem à luz de maneira primordial. O ato do sentimento é indefinidamente renovável; mas no próprio momento sua autoridade é absoluta, e adquire um valor inaugural. O eu se descobre e se possui de uma só vez. Nesse instante em que toma posse de si mesmo, ele põe em dúvida tudo que sabia ou acreditava saber a seu próprio respeito: a imagem que tinha anteriormente de sua verdade era turva, incompleta, ingênua. Apenas agora a luz se faz, ou se vai fazer...

Daí a multiplicidade da obra autobiográfica de Rousseau. Ele empreende os *Diálogos* como se já não se houvesse pintado nas *Confissões*, em que pretendia ter "dito tudo". Depois vêm os *Devaneios*, em que tudo está por recomeçar: "O que eu próprio sou? Eis o que me resta buscar".[3] À medida que Jean-Jacques mergulhar em seu delírio e perder seus vínculos com os homens, o conhecimento de si lhe parecerá mais complexo e mais difícil: "O *conhece-te a ti mesmo* do templo de Delfos" não é "uma máxima tão fácil de seguir como eu acreditara em minhas *Confissões*".[4] O conhecimento é árduo, mas jamais a ponto de a verdade se esquivar, jamais a ponto de deixar a consciência sem recurso. A

introspecção nunca deixa de ser possível, e, se a verdade não se impõe imediatamente, bastará um "exame de consciência" para triunfar de todas as obscuridades, no intervalo de um passeio solitário. Tudo se explicará; conseguirá ver-se por inteiro, e ser "para si" o que ele é "em si": Rousseau, que reconhece eventualmente a estranheza de alguns de seus atos, não os atribui jamais a trevas essenciais, e não vê neles a expressão de uma parte obscura de sua consciência ou de sua vontade. Seus atos insólitos não lhe pertencem senão parcialmente; bastar-lhe-á narrá-los, e declará-los estranhos, como se a confissão esgotasse seu mistério. Para Jean-Jacques, o espetáculo de sua própria consciência deve sempre ser um espetáculo sem sombra: está aí um postulado que não sofre exceção. Por certo, acontece de Rousseau confundir-se diante de si mesmo, e de constatar uma menor clareza: "Os verdadeiros e primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim mesmo quanto por muito tempo eu imaginara". Mas a continuação desse mesmo texto (*Devaneios*, sexto Passeio), longe de insistir na falta de clareza interior, apresentar-se-á, ao contrário, como uma elucidação perfeita daquilo que, de início, parecia carecer de evidência. Se vemos algumas vezes a meditação de Rousseau partir de uma confissão de ignorância de si, jamais o vemos *chegar* a semelhante confissão. As lacunas de sua memória não o inquietarão: jamais ele se dirá, como Proust, que o acontecimento esquecido esconde uma verdade essencial. Para Rousseau, o que escapa à sua memória não tem importância; só pode ser o acidental. Há nele, a esse respeito, um otimismo que não se desmente nunca, e que conta firmemente com a plena posse de uma evidência interior.

Além disso, a evidência interior tende a exteriorizar-se imediatamente: Jean-Jacques se diz incapaz de dissimular. O sentimento torna-se sinal e se manifesta abertamente a partir do instante em que é experimentado. Como vimos, Rousseau quer acreditar que todos os seus movimentos afetivos são legíveis em seu rosto. A vida subjetiva, para Rousseau, não é por si mesma uma vida "oculta" ou recolhida na "profundeza"; aflora espontaneamente à superfície, e a emoção é sempre demasiadamente poderosa para ser contida ou reprimida. Assim, Jean-Jacques proclama:

> [...] A impossibilidade em que estou, por meu natural, de manter oculta qualquer coisa do que sinto e do que penso.[5]
>
> Meu coração transparente como o cristal jamais soube ocultar durante um minuto inteiro um sentimento um pouco vivo que ali se houvesse refugiado.[6]

Mas essa transparência absoluta se produz em vão. Não basta oferecer-se a todos os olhares, é preciso ainda que os outros aceitem ver a verdade assim oferecida; é preciso que tenham o dom de ouvir essa

linguagem. Ora, eles desconhecem sua verdadeira natureza, seus verdadeiros sentimentos, suas verdadeiras razões de agir ou de abster-se:

> Vejo, pela maneira pela qual aqueles que pensam me conhecer interpretam minhas ações e minha conduta, que delas nada conhecem. Ninguém no mundo me conhece a não ser eu mesmo.[7]
>
> Vejo que as pessoas que vivem mais intimamente comigo não me conhecem e que atribuem a maior parte de minhas ações, seja para o bem ou seja para o mal, a motivos muito diversos daqueles que as produziram.[8]

O erro está, portanto, no olhar dos outros. Jean-Jacques é inteiramente conhecível e é inteiramente desconhecido. Embora viva a descoberto, tudo se passa como se dissimulasse. Em presença dos outros, aos quais crê oferecer-se candidamente, percebe que sua verdade permanece oculta, como se ele se disfarçasse, como se usasse uma máscara. Assim, por culpa dos outros, parece dissimular segredos inconfessáveis, ele que avança na luz do dia... O que os escritos autobiográficos vão colocar em discussão não será o conhecimento de si propriamente dito, mas o reconhecimento de Jean-Jacques pelos outros. O que é problemático aos seus olhos, com efeito, não é a clara consciência de si, a coincidência do "em si" e do "para si", mas a tradução da consciência de si em um reconhecimento vindo de fora. As *Confissões* são essencialmente uma tentativa de retificação dos erros dos outros, e não a busca de um "tempo perdido". A preocupação de Rousseau começa, então, com esta pergunta: por que o sentimento interior, imediatamente evidente, não encontra seu eco em um reconhecimento imediatamente concedido? Por que é tão difícil fazer concordar o que se é para si e o que se é para os outros? A apologia pessoal e a autobiografia se tornam necessárias a Jean-Jacques porque a clareza da consciência de si lhe é insuficiente na medida em que não se propagou para fora e não se desdobrou em um claro reflexo nos olhos de suas testemunhas.

Não basta viver na graça da transparência, é preciso ainda dizer sua própria transparência, dela convencer os outros. Uma atividade torna-se necessária, para aquele que tem sede de ser reconhecido: essa atividade é linguagem, palavra infatigável; é preciso explicitar, nas "palavras da tribo", o que a ingenuidade dos sinais manifestara de maneira pura, mas inutilmente. Já que a evidência espontânea do coração não é suficiente, a missão será de conferir-lhe um acréscimo de evidência. Por mais que o coração já fosse transparente, é preciso ainda torná-lo transparente para os outros, desvelá-lo a todos os olhares, impor-lhes uma verdade que não souberam encontrar por si mesmos:

> Quero que todo o mundo leia no meu coração.[9]
>
> Eu desejaria poder de alguma maneira tornar minha alma transparente aos olhos do leitor, e por isso procuro mostrá-la a ele sob todos os pontos

de vista, iluminá-la por todas as luzes, fazer de modo que nela não se passe nenhum movimento que ele não perceba, a fim de que possa julgar por si mesmo do princípio que os produz.[10]

Tornar minha alma transparente aos olhos do leitor... Tudo se passa então como se a transparência não fosse um dado preexistente, mas uma tarefa a realizar. Mais exatamente, tudo se passa como se a clareza interna da consciência não pudesse bastar-se a si mesma; enquanto permanece estritamente "interior", enquanto não é acolhida pelos outros, ela é paradoxalmente uma transparência velada e solitária; não é uma transparência em ato, mas "em potência"; experimenta-se a si mesma contraditoriamente como uma transparência encoberta, que não pode sair de si mesma, e que se choca com a impossibilidade provisória de transparecer. Será transparência em ato somente quando tiver uma testemunha a quem aparecer como transparência, isto é, segundo a expressão de Rousseau, quando for *transparente aos olhos do leitor*.

Provisoriamente — mas até quando? — a transparência interna de Jean-Jacques recebe de fora uma recusa: ele é uma transparência sem espectadores. Pior ainda, tomam-no por aquilo que não é; atribuem-lhe a alma de um orgulhoso ou de um mau. É a situação que encontrou pela primeira vez em Bossey, quando o acusaram de um "crime" que não cometera. Os outros se enganam a seu respeito; punem-no baseados em uma suspeita imaginária; infligem-lhe um castigo imerecido. Ele é inocente, mas "a opinião" desorienta seus juízes. E ele é fraco demais para se subtrair ao veredicto...

Se Jean-Jacques se põe a falar sobre si mesmo é porque está, desde o começo, na situação daquele que *já* foi julgado, e que apela desse julgamento. As quatro cartas a Malesherbes, primeiro grande texto autobiográfico de Rousseau, são escritas imediatamente depois do episódio delirante em que, diante do silêncio de seus impressores, ele se desfez em acusações injustificadas e em apelos desesperados. Voltando a si, reconhece seus erros e atribui seu desvario à sua extrema solidão. Mas, no intervalo, os amigos que alertou inutilmente o terão sem dúvida julgado com severidade. Jean-Jacques experimenta a necessidade de se explicar para recusar o julgamento que sente pesar sobre ele. Já que seu acesso de loucura era devido à sua solidão, vai agora revelar os verdadeiros motivos de sua solidão: foi por amor da justiça e da humanidade, foi por aversão à ação que preferiu viver no retiro. Não é misantropo, não odeia os homens, ama-os, ao contrário, de maneira por demais terna para não ser constantemente ferido em sua presença. Na origem de seu comportamento injusto, *primitivamente* há apenas

intenções e sentimentos inocentes, paixões ternas, uma benevolência decepcionada, uma grande necessidade de amizade que se contentou com criaturas quiméricas etc. Ele fornece, assim, as peças justificativas tendo em vista uma revisão do processo. Contesta a validade do julgamento anterior. Até que tenha "dito tudo", quer gozar do benefício de uma dúvida provisória. "Leitor, suspendei vosso julgamento..." Apela a um julgamento final que será enfim justo, enfim verídico. Como vimos, Rousseau confunde mais ou menos voluntariamente o julgamento lógico, que decide do verdadeiro e do falso, e o julgamento ético, que decide do bem e do mal. Idealmente, o julgamento de fato é ao mesmo tempo um julgamento de valor. Rousseau invoca sobre ele o olhar do juiz íntegro para quem estabelecer a verdade e fazer justiça são um só e mesmo ato. "Justiça e verdade" — afirma ele falando de si mesmo — "são em seu espírito duas palavras sinônimas que toma uma pela outra indiferentemente."[11] A "luta pelo reconhecimento" (segundo a terminologia hegeliana) não será outra coisa que não o comparecimento diante de um tribunal. Ser reconhecido, para Rousseau, será essencialmente ser justificado, ser inocentado. (Mas o único tribunal do qual não recusará a competência será o de Deus, único em que residem a Justiça e a Verdade; e o único julgamento ao qual aceitará submeter-se será o Juízo Final.) Rousseau apela então a uma reabilitação que virá selar indissoluvelmente sua existência e sua inocência, seu ser autêntico e seu valor moral. Então, sob o olhar do Juiz para quem justiça e verdade são sinônimos, ele tomará posse do privilégio correlativo, que lhe dará, a ele, criatura *julgada*, a certeza doravante irrevogável de que existir e ser inocente são dois termos sinônimos.

Nos esboços e no preâmbulo da primeira versão das *Confissões*, um outro problema preocupa Rousseau, que precisava abordar, ainda que fosse para dele não conservar nada na redação definitiva. Concebe o projeto de contar sua vida, mas não é nem bispo (como o era santo Agostinho), nem fidalgo (como Montaigne), e não teve participação nos acontecimentos da corte ou do exército: não tem, portanto, nenhum *título* para se expor aos olhos do público, pelo menos não tem nenhum dos títulos que, até ele, foram requeridos para justificar uma autobiografia. Além disso, é pobre, é obrigado a ganhar seu pão. Com que direito viria ele atrair a atenção sobre sua existência? Mas, justamente, por que não se apoderaria ele desse direito? Plebeu como é, por que não exigiria atenção, simplesmente porque é um homem, e porque os sentimentos que habitam o coração de um homem não dependem nem das condições, nem da riqueza:

[...] Sou pobre e, quando o pão estiver prestes a me faltar, não sei de meio mais honesto de tê-lo do que viver de minha própria obra.

Há muitos leitores que tão-somente esta idéia impedirá de prosseguir. Não conceberão que um homem que tem necessidade de pão seja digno de que se o conheça. Não é para esses que escrevo.[12]

E não se objete que, não sendo mais que um homem do povo, não tenho nada a dizer que mereça a atenção dos leitores. Isso pode ser verdade para os acontecimentos de minha vida: mas escrevo menos a história desses acontecimentos por si mesmos que a do *estado de minha alma*, à medida que aconteceram. Ora, as almas são mais ou menos ilustres na medida em que têm *sentimentos* mais ou menos grandes e nobres, *idéias* mais ou menos vivas e numerosas. Os fatos são aqui apenas causas ocasionais. Por mais que tenha podido viver na obscuridade, se *pensei* mais e melhor que os Reis, a história de minha alma é mais interessante que a da deles.[13]

A afirmação dos direitos do sentimento e a justificação do homem do povo andam juntas aqui. Porque o valor do homem reside inteiramente em seu sentimento, já não há privilégio ou prerrogativa social que conte. (Saint-Preux é a testemunha e Julie, a mártir dessa nova verdade.) *Sentimentos* maiores, *idéias* mais vivas: inútil acrescentar que o sentimentalismo, aqui, não se opõe de maneira nenhuma ao racionalismo do século das luzes. Bem ao contrário: a autoridade intelectual da razão e o primado moral do sentimento são a igual título as armas ideológicas da burguesia pré-revolucionária. Estado de alma, sentimento, pensamento são garantias equivalentes de superioridade.

A obra que Rousseau empreenderá não será então apenas a defesa de um perseguido que proclama sua inocência. Será também o manifesto de um homem do terceiro estado, que afirma que os acontecimentos de sua consciência e de sua vida pessoal têm uma importância absoluta e que, sem ser príncipe ou bispo ou arrematante de impostos, não tem menos o direito de reclamar a atenção universal. A significação social que se liga ao próprio empreendimento das *Confissões* não deve ser negligenciada. Jean-Jacques quer ser reconhecido: não apenas como uma alma excepcional, não apenas como uma vítima de coração puro, mas como um homem simples e um estrangeiro sem graus de nobreza, que por isso será apenas mais capaz de oferecer do homem uma imagem universalmente válida. Ele reivindica, para o viajante e para o aventureiro que foi, o privilégio de um melhor conhecimento da humanidade, a posse de um saber mais vasto, mais diverso e mais eficaz. Esse ex-lacaio proclama abertamente a superioridade do servidor sobre o senhor. Sua condição de estrangeiro e sua nulidade social lhe permitiram mover-se livremente e observar todos os estados da sociedade francesa, sem se fixar em nenhum deles. Ele pôde conhecer tudo, já que não tinha seu lugar em parte alguma:

[...] Sem ter eu próprio nenhum estado, conheci todos os estados; vivi em todos, desde os mais baixos até os mais elevados, com exceção do trono. Os Grandes conhecem unicamente os Grandes, os pequenos conhecem unicamente os pequenos. Estes vêem os primeiros apenas através da admiração de sua posição e são vistos por eles apenas com um desdém injusto. Em relações por demais afastadas, o ser comum a uns e aos outros, o homem, escapa-lhes igualmente. Quanto a mim, empenhado em afastar sua máscara, reconheci-o em toda parte. Pesei, comparei seus gostos respectivos, seus prazeres, seus preconceitos, suas máximas. Admitido entre todos como um homem sem pretensão e sem conseqüência, examinava-os à vontade; quando deixavam de se disfarçar, eu podia comparar o homem ao homem e o estado ao estado. Não sendo nada, não querendo nada, não embaraçava e não importunava ninguém; entrava em toda parte sem depender de nada, almoçando algumas vezes pela manhã com os Príncipes e jantando à noite com os camponeses.[14]

Uma página como essa estabelece claramente a reivindicação do indivíduo Jean-Jacques Rousseau: sua experiência tem um teor universal, suas qualidades de homem do povo e de autodidata só lhe dão mais direitos de ser escutado, pois apenas ele detém a verdadeira idéia do homem tal como é. Porque ele próprio é um homem *de nada*, pôde adquirir, em compensação, o poder de *tudo* compreender. A imagem universal do humano, que pertencia até então ao aristocrata, ao homem de bem ou ao homem de qualidade, passa agora para as mãos de um "novo-rico" da cultura, de um burguês que, tirando partido da decomposição da sociedade aristocrática, soube tudo ver e tudo julgar.

COMO SE PODE PINTAR A SI MESMO?

Pode-se dizer a verdade sobre si mesmo? Sim, afirma Rousseau. A autobiografia tem acesso à verdade infinitamente melhor que qualquer pintura que observe seu modelo do exterior. Os pintores se contentam com o verossímil; constroem a realidade muito mais do que a imitam, e permanecem para sempre afastados da alma de que deveriam ter feito o retrato; daí sua audácia na arbitrariedade:

Apreendem-se os traços salientes de um caráter, ligam-se esses traços por meio de traços de invenção, e desde que o todo componha uma fisionomia, o que importa que ela se assemelhe? Ninguém pode julgar isso.[15]

Vista de fora, a imagem de um ser é sempre inverificável. O retratista, por mais atentamente que olhe o seu modelo, não alcançará o "modelo interior"; se desejar explicar os móbeis e as causas secretas do comportamento, não terá outros recursos que não as conjeturas e as ficções. A perspectiva da profundidade psicológica — perspectiva estreitamente dependente da dimensão temporal do passado — escapa por princípio ao observador externo, cujo olhar não pode ir mais longe que a superfície, nem remontar aquém do presente. Tal declaração de

Rousseau, que parece estabelecer a existência de uma parte incognoscível da vida psicológica, refere-se na realidade apenas ao observador externo:

> Para bem conhecer um caráter, seria preciso distinguir o adquirido da natureza, ver como ele se formou, quais ocasiões o desenvolveram, qual encadeamento de afeições secretas o tornaram assim, e como ele se modifica, para produzir algumas vezes os efeitos mais contraditórios e mais inesperados. O que se vê não passa da menor parte daquilo que é; é o efeito aparente, cuja causa interna é oculta e freqüentemente muito complicada. Cada um adivinha à sua maneira e pinta à sua fantasia; não teme que se confronte a imagem com o modelo, e como se nos faria conhecer esse modelo interior, que aquele que o pinta em um outro não saberia ver, e que aquele que o vê em si mesmo não quer mostrar?[16]

"Aquele que o vê em si mesmo." O *modelo interior* não é obscuro, portanto, para o próprio sujeito, que poderia até "mostrá-lo", se comumente não interviesse uma má vontade, uma recusa taciturna de se deixar conhecer. Assim, Rousseau concede à autobiografia as possibilidades que recusa ao olhar do pintor:

> Ninguém pode escrever a vida de um homem a não ser ele próprio. Sua maneira de ser interior, sua verdadeira vida é conhecida apenas por ele...[17]

"Mas, ao escrevê-la, ele a dissimula", acrescenta imediatamente Rousseau. O auto-retrato não seria tão arbitrário quanto o retrato? A imagem que um homem dá de si mesmo não é igualmente fictícia, igualmente construída? Mas essas objeções, Rousseau não as dirige a si mesmo; elas dizem respeito a seus predecessores, Montaigne em particular. Rousseau será o único, o primeiro, a oferecer de si um retrato completo. Pela primeira vez, um homem vai pintar-se tal como é... Rousseau se exclui. Não apenas sua pintura não será arbitrária, como são todos os retratos feitos de fora, como também não será hipócrita, à diferença de todas as outras autobiografias. Seu relato marcará o começo dos tempos, o advento mesmo da verdade. "Concebo um empreendimento que jamais teve exemplo."[18] Empreendimento único de um ser "à parte" com quem ninguém se parece. Entretanto, ele reivindica para essa empresa um alcance considerável: ela oferecerá aos outros homens uma "peça de comparação" e aos filósofos, um objeto de estudo.

Os outros não sabem julgar e não se conhecem a si mesmos, pois não conhecem ninguém fora deles. Para superar "a dupla ilusão do amor-próprio",[19] deveriam sujeitar-se a não julgar seu próximo segundo eles próprios; deveriam aceitar conhecer alguém diferente deles mesmos. É preciso então que Jean-Jacques venha fazer-lhes presente de sua verdade, para que os homens deixem de viver no erro. Eles têm necessidade dele, e ele lhes prova isso:

> Quero fazer de modo que, para aprender a se apreciar, possa-se ter ao menos uma peça de comparação; que cada um possa conhecer a si e a um outro, e esse outro, serei eu.
>
> Sim, eu, apenas eu...[20]

Mais uma vez, Rousseau se exclui. Com efeito, se se sujeitasse à regra que impõe aos outros, deveria também se voltar para fora, em busca de alguma "peça de comparação". Mas, depois de ter afirmado que todo espírito que permanece encerrado nos limites do eu está ameaçado de erro, arroga-se autoritariamente o direito de falar apenas de si. Constata-se aqui a que ponto Rousseau é incapaz de se colocar em situação de reciprocidade, e de impor-se deveres idênticos aos que atribui aos outros. A verdade é para ele um privilégio unilateral: os outros deverão conhecê-lo a fim de melhor se conhecer; deverão julgá-lo e inocentá-lo para chegar a "apreciar-se" a si mesmos. Toda a atenção do mundo deve prender-se a ele — isso lhe é devido — sem que seu dever o obrigue a fazer outra coisa que não narrar a si mesmo.

DIZER TUDO

Conhecer-se é um ato simples e instantâneo. Não há diferença entre conhecer-se e sentir-se e, em Rousseau, o sentimento decide imediatamente da inocência essencial do eu. Mas esse sentimento único e simples não pode contentar-se com sua própria certeza: é preciso comunicá-la, e ela não pode ser comunicada tal qual, em um ato expressivo que seria igualmente único e simples. Rousseau o teria desejado: que um sinal, que uma breve palavra pudessem dizer tudo de uma só vez, e impor aos outros a convicção de sua inocência. Algumas vezes mesmo, no auge de sua angústia, ele protesta com uma afirmação exclamativa: "Eu sou inocente!".[21] Mas o que fazer se os outros não escutam esse grito ou não lhe reconhecem a sinceridade? Calar-se? Calar-se é intolerável, seria reconhecer a validade do veredicto infamante. Então lhe é necessário falar, buscar um *meio* de traduzir em linguagem eficaz uma evidência interior que ele não se resigna em considerar como incomunicável.

Como traduzir uma evidência que para nós reside em um ato intuitivo do sentimento? Como obter, da parte dos outros, o ato não menos intuitivo do julgamento e do reconhecimento? Todo um "circuito de palavras" vai precisar interpor-se entre o sentimento primeiro, em que Rousseau se atesta não-culpado, e o julgamento final em que os outros reconhecerão sua inocência. O problema é de obrigar os outros a fazer uma imagem verídica do caráter e do coração de Jean-Jacques; essa imagem deverá

ser, por princípio, tão simples, tão clara, tão *una* quanto o sentimento interior de Rousseau.

O que fazer então? Rousseau vai mostrar "todas as sinuosidades" de sua "alma";[22] vai exibir na duração biográfica uma verdade global que o sentimento possui de imediato. Sua unidade, sua simplicidade, ele vai deixá-las desfazer-se em uma multiplicidade de instantes vividos sucessivamente, para melhor mostrar a lei segundo a qual tudo é coeso e se liga em seu caráter; vai mostrar como se tornou o que é. Vai então enunciar discursivamente toda a história de sua vida, com a condição de exigir dos outros que façam eles próprios sua síntese. Já que Jean-Jacques não pode enunciar em uma só palavra sua natureza, seu caráter, o princípio de sua unidade, ele se coloca nas mãos de suas testemunhas: a elas caberá *construir* a imagem única e *julgá-la* simultaneamente, mas desta vez a partir de uma superabundância de documentos que as obrigarão a ver o verdadeiro Rousseau. Repitamo-lo: Rousseau não duvida por um instante de sua unidade, a despeito das contradições e das descontinuidades que ele próprio soube apontar; parece-lhe apenas que é impossível afirmar-se sem se narrar, e que a narração do detalhe de sua vida "passará" melhor que a afirmação global: *sou inocente*. Toda afirmação global corre o risco de chocar-se com uma recusa global: diante de uma síntese acabada, os homens desconfiam, suspeitam de impostura. Rousseau oferecerá a "matéria-prima" dos acontecimentos e das circunstâncias de sua vida, para que os outros os unam em uma síntese na qual poderão crer com tanto maior boa vontade quanto dela serão os autores. A narração detalhada terá como resultado não apenas forçar a atenção dos leitores, mas também forçar seu julgamento, obrigando-os a se *fazer* uma imagem verídica de Jean-Jacques:

> Tudo é coeso... tudo é uno em meu caráter... e esse curioso e singular conjunto tem necessidade de todas as circunstâncias de minha vida para ser bem desvelado.[23]
>
> Se eu me encarregasse do resultado e lhe dissesse (ao leitor): "Esse é o meu caráter", ele poderia acreditar, se não que o engano, ao menos que me engano. Mas detalhando-lhe com simplicidade tudo que me aconteceu, tudo que fiz, tudo que pensei, tudo que senti, não posso induzi-lo ao erro a menos que o queira, e, ainda mesmo o querendo, não o conseguiria facilmente dessa maneira. Cabe a ele reunir esses elementos e determinar o ser que eles compõem; o resultado deve ser obra sua, e, se ele então se engana, todo o erro será seu... Não cabe a mim julgar da importância dos fatos, devo dizê-los todos, e deixar-lhe o cuidado de escolher.[24]

Rousseau confia então ao leitor a tarefa de reduzir a multiplicidade à unidade. Tem confiança nele. E adivinhamos que essa é já uma maneira de pleitear não-culpado: um homem tão confiante, que nada quer esconder e que deixa ao leitor o cuidado de julgar, como poderia ser mau? Mas adivinhamos também que, simultaneamente, Rousseau transfere para os outros a responsabilidade de todos os mal-entendidos que poderiam subsistir: se o leitor se engana, todo o erro será afirmação sua. A prova será decisiva: supondo-se que o leitor ou o ouvinte das *Confissões* não tirem as conclusões que se impõem, pois bem! Rousseau saberá de uma vez por todas que a culpa recai inteiramente sobre eles.

Nos retratos ordinários, constrói-se um rosto "sobre cinco pontos"; o resto é da invenção do pintor. Mas, pergunta Rousseau, se se dizem todos os acontecimentos, todos os pensamentos, todos os sentimentos, sem evitar os mais insignificantes detalhes, não se obriga o leitor a aceitar um todo, um *conjunto*, formado por um milhar de "pontos" que não deixarão a imaginação perder-se? Com a condição de multiplicar as confissões, serão fornecidos ao espectador os elementos de uma síntese infinitamente semelhante ao modelo original:

> Para que servia dizer isso? Para valorizar o resto, para harmonizar o todo; os traços do rosto apenas produzem seu efeito porque estão todos ali: se falta um, o rosto está desfigurado. Quando escrevo, não penso de maneira nenhuma nesse conjunto, penso apenas em dizer o que sei e é daí que resulta o conjunto e a semelhança do todo ao seu original.[25]

Mas como chegar a dizer tudo? Que ordem, que método seguir? Se, para bem desvelar seu caráter, Rousseau tem necessidade de todas as circunstâncias de sua vida, o desvelamento se torna uma tarefa interminável. O risco não é imenso, já que a menor omissão compromete a verdade de toda a empresa? O espírito antitético de Rousseau não vê mais que uma única alternativa: o êxito ou o fracasso absoluto de seu esforço. "Se calo alguma coisa, não me conhecerão sobre nada."[26] De um lado, tem a esperança de chegar a uma verdade infinitamente aproximada (que equivale a uma verdade total); e, de outro, há o perigo de não sair do mal-entendido, de agravá-lo ainda mais. Rousseau sente pesar sobre ele a ameaça de uma condenação, e se vê *coagido* a não calar nada:

> No empreendimento que concebi de me mostrar inteiro ao público, é preciso que nada de mim lhe permaneça obscuro ou oculto; é preciso que me mantenha incessantemente sob os seus olhos; que ele me siga em todos os descaminhos de meu coração, em todos os recantos de minha vida; que não me perca de vista um só instante, de modo que, encontrando em meu relato a menor lacuna, o menor vazio, e perguntando-se: O que fez ele durante esse tempo? não me acuse de não ter querido dizer tudo. Dou bastante ensejo à malignidade dos homens com meus relatos, sem lho dar ainda mais com meu silêncio.[27]

Rousseau fala sob ameaça. A evidência disso se torna mais e mais penosa à medida que se progride na leitura das *Confissões*. Além disso, a partir do sétimo livro, as intenções que Rousseau atribui aos seus "contemporâneos" mudam radicalmente de natureza; enquanto no começo ele se sentia requisitado a falar, tem doravante a impressão de que seus adversários empregam todos os meios imagináveis para impedi-lo de escrever e de ser ouvido. Então já não será para satisfazer as exigências do leitor, mas para desafiar a hostilidade universal, que Rousseau perseverará em sua intenção de *dizer tudo*: "Os tetos sob os quais estou têm olhos, as paredes que me cercam têm ouvidos, cercado de espiões e de vigilantes malévolos e atentos, inquieto e distraído, lanço precipitadamente sobre o papel algumas palavras interrompidas que mal tenho o tempo de reler, ainda menos de corrigir"...[28] O olhar dos outros é agora um olhar que quer ver tudo, mas que não quer mais saber a verdade, que já não exige conhecê-la, e que antes se dedicará a fazê-la desaparecer. Torna-se tanto mais importante *dizer tudo* para outros homens, para outras gerações (se ao menos o manuscrito chegar a eles, se não houver sido destruído ou falsificado, no intervalo, pelos homens do complô).

Mas a linguagem comum permite dizer tudo? Rousseau, como vimos, prefere os sinais à "fria mediação da palavra". A linguagem ordinária é imprópria para exprimir os acontecimentos e os sentimentos cuja soma constitui uma existência única. É por isso que esse homem que se sente radicalmente diferente dos outros quer marcar sua diferença por uma *outra linguagem*, que seria o primeiro e o único a empregar, e da qual em seguida o molde seria destruído, como a natureza destruiu "o molde no qual lançou" Jean-Jacques:

> Seria preciso, para o que tenho a dizer, inventar uma linguagem tão nova quanto meu projeto: pois que tom, que estilo adotar para desenredar esse caos imenso de sentimentos tão diversos, tão contraditórios, freqüentemente tão vis e algumas vezes tão sublimes pelos quais fui continuamente agitado? Quantos nadas, quantas misérias é preciso que exponha, em que detalhes revoltantes, indecentes, pueris e muitas vezes ridículos não devo entrar para seguir o fio de minhas disposições secretas, para mostrar como cada impressão que deixou marca em minha alma aí penetrou pela primeira vez?[29]

A dificuldade, tal como Rousseau a exprime aqui, consiste em encontrar uma linguagem que seja fiel ao sabor incomparável da experiência pessoal; inventar uma escrita bastante maleável e bastante variada para dizer a diversidade, as contradições, os detalhes ínfimos, os "nadas", o encadeamento das "pequenas percepções" cujo tecido constitui a existência única de Jean-Jacques. Ele vai então procurar um estilo apropriado

a seu objeto, e esse objeto não é nada de exterior, nada "de objetivo": é o *eu* do escritor, sua existência pessoal, em sua infinita complexidade e em sua diferença absoluta. O homem, aqui, quer expressamente se confiar a uma linguagem que o representará e na qual poderá reconhecer sua própria substância. Mas a sua substância, se é preciso que a explicite, é a sua história; e a sua história, se é preciso que a decomponha em seus elementos constitutivos, é uma multidão infinita de pequenos acontecimentos sem nobreza e sem coerência aparente. Com todo o rigor, se fosse preciso assinalar "cada impressão que deixou marca", seria preciso narrar cada instante, pois cada instante é um começo, um ato inaugural. Lembremos *Os solitários*: "Jamais fazemos senão começar, e... não há absolutamente outra ligação em nossa existência que não uma sucessão de momentos presentes, da qual o primeiro é sempre aquele que está em ato. Morremos e nascemos a cada instante de nossa vida"...[30] Dizer todos os começos seria dizer todos os instantes: mas essa extrema fidelidade da linguagem à vida é dificilmente pensável. Supondo-se mesmo que a isso se chegasse, seria substituir a vida pela linguagem. Aquela se esvaeceria na palavra que a desdobra. Ora, para Rousseau, na ordem dos valores, a vida se coloca antes da "literatura", que não é mais que sua sombra. Em nome do prazer vivido, Rousseau renunciou a escrever seus mais inebriantes devaneios: "Por que me tirar o encanto atual do gozo, para dizer a outros que eu gozara?".[31] Ele sente uma necessidade de plenitude silenciosa, que contrabalança a necessidade de justificação total. As *Confissões* representam um meio-termo entre essas duas exigências; mas, em certo sentido, a obra autobiográfica está destinada a um duplo fracasso: de um lado, não será possível dizer tudo, e portanto a justificação não será total; de outro, o silêncio da felicidade perfeita está para sempre rompido. A palavra se manifesta em um espaço intermediário, entre a inocência primeira e o veredicto final encarregado de estabelecer a certeza da inocência redescoberta. A primeira felicidade não existe mais em sua plenitude, e a obra de justificação está ainda longe de ser consumada. Num mesmo alento, as *Confissões* exprimem a nostalgia da unidade perdida e a espera ansiosa de uma reconciliação final.

Pelo menos, um princípio se impõe a Rousseau sem discussão: seguir cronologicamente o desenvolvimento de sua consciência, recompor o traçado de seu progresso, percorrer a seqüência natural das idéias e dos sentimentos, reviver pela memória o encadeamento das causas e dos efeitos que determinaram seu caráter e seu destino. Método "genético", que remonta às origens para nelas encontrar as fontes ocultas do momento presente; é o próprio método que Rousseau aplicava à história no *Discurso sobre a origem da desigualdade*. A tarefa é de provar a continuidade de uma evolução ("o *fio* de minhas disposições secretas"); mas vai tratar-se

também de assinalar o aparecimento sucessivo e descontínuo das "impressões" que tocaram a alma "pela primeira vez". É preciso então mostrar a uma só vez como "tudo é coeso" e como surgem, passo a passo, os *momentos primeiros* a partir dos quais a consciência se enriquece de uma nova "impressão", de uma nova determinação, de uma "marca" ou de uma ferida indeléveis. A continuidade do encadeamento e a descontinuidade dos momentos primeiros não têm, de fato, nada de inconciliável para Rousseau; ao contrário, há entre o contínuo e o descontínuo uma perfeita interdependência, que faz com que cada "traço" novo marque na sinfonia a entrada de uma voz que não se interromperá mais:

> [...] Os primeiros traços que se gravaram em minha cabeça aí permaneceram, e aqueles que aí se imprimiram na seqüência antes se combinaram com eles do que os apagaram. Há uma certa sucessão de afeições e de idéias que modificam as que as seguem, e que é preciso conhecer para bem julgá-las. Eu me aplico em bem desenvolver por toda parte as primeiras causas para fazer sentir o encadeamento dos efeitos.[32]

Mas até onde remontar para encontrar essas "primeiras causas"? E com que direito decidir que um momento possui uma importância determinante em comparação com tal outro acontecimento, que não é mais que um simples efeito? Distinguir as causas e os efeitos é um ato de julgamento. Ora, isso não é abertamente retomar o privilégio de julgar, que em princípio se confiou inteiramente ao leitor? De direito, todos os instantes vividos são efeitos, e todos são igualmente causas. Apenas uma decisão arbitrária pode atribuir a alguns deles um valor absolutamente primeiro: "Aqui começa...". Rousseau, entretanto, não hesita; julga, ordena os acontecimentos segundo relações de causalidade, enquanto proclama que deixa aos outros o cuidado de julgar. Em parte alguma ele se anula para nos entregar o material bruto, como pretendeu fazer. Quando transcreve cartas, ele se dá ares de expor as peças de um dossiê; mas as cartas serão comentadas logo que transcritas. Como Rousseau poderia fazer de outra maneira? Poderia contar sua vida sem lhe atribuir um sentido? Estabelecer uma ordem de *sucessão de causa e efeito* é já estabelecer um sentido, não apenas porque se impõe uma ordem interpretativa que destaca tais momentos privilegiados, mas ainda porque a própria escolha desse tipo de interpretação indica de imediato a escolha de um certo sentido da existência. Por si só, a idéia do "encadeamento dos efeitos" implica uma lei do destino, uma servidão que liga o eu ao seu passado; Rousseau se coloca na situação da vítima, sofre contra sua vontade as conseqüências de um passado que já não domina. É interessante notar que, nesse fatalismo determinista, Rousseau atribui o papel preponderante aos acontecimentos mais distantes: "Há uma certa sucessão de afeições e de idéias *que modificam aquelas que as seguem*". Vê-se muito

bem, em conseqüência, que o próprio método é já a expressão da "escolha fundamental" pela qual Rousseau se pretende a vítima inocente de uma hostilidade sobre a qual não tem, doravante, nenhum meio de agir em troca. Não tem poder sobre o passado longínquo que o condiciona, assim como não terá poder sobre a malevolência de seus perseguidores. Está só, desguarnecido, privado de toda liberdade de agir; mas não é sua culpa, jamais foi sua culpa. E se se lhe deixa uma última liberdade, a de escrever, dirá como foi levado a isso. Mas já lhe retiram seus papéis, já o impedem de escrever... Não sendo mais livre, não é mais responsável; não sendo mais responsável, não se lhe pode imputar nenhuma falta, ele é inocente. A prova está estabelecida. O álibi se sustenta.

Todas as perspectivas do passado parecem dominadas pela fatalidade e pela necessidade. Resta, no entanto, um refúgio para a liberdade: o sentimento interior, e o próprio ato de escrever. Se a liberdade não é o princípio que Rousseau vê em ação em sua vida, é aquele que lhe tornará possível a expressão literária. Rousseau, com efeito, considera a sua vida como um *destino* imposto por uma sorte temível; mas sua autobiografia será um ato de liberdade; dirá a verdade sobre si mesmo porque se afirmará livremente em seu sentimento, porque não aceitará nenhuma coerção, nenhum embaraço, nenhuma regra:

> Se quero fazer uma obra escrita com cuidado como as outras, não me pintarei, eu me mascararei. Aqui é de meu retrato que se trata, e não de um livro. Vou trabalhar por assim dizer na câmara escura; aí não é preciso nenhuma outra arte que não a de seguir exatamente os traços que vejo acentuados. Tomo então meu partido sobre o estilo, assim como sobre as coisas. Não me empenharei absolutamente em torná-lo uniforme; terei sempre aquele que me vier, o mudarei segundo o meu humor, sem escrúpulo, direi cada coisa como a sinto, como a vejo, sem rebuscamento, sem embaraço, sem me tolher pela miscelânea. Entregando-me ao mesmo tempo à lembrança da impressão recebida e ao sentimento presente, pintarei duplamente o estado de minha alma, a saber, no momento em que o evento me aconteceu e no momento em que o descrevi; meu estilo desigual e natural, ora rápido e ora difuso, ora sensato e ora louco, ora grave e ora alegre fará ele próprio parte de minha história.[33]

A possibilidade de alcançar o verdadeiro reside nessa liberdade da palavra e no movimento espontâneo da linguagem. Entregar-se à lembrança, entregar-se ao sentimento: Rousseau define aqui uma passividade, mas uma passividade livre. Já não é o abandono resignado a uma força externa e estranha; é o abandono feliz a um poder interior, a um acaso íntimo. O passado não é mais esse elo e esse encadeamento que paralisam o instante presente, não é mais esse nó inextricável de

determinações que nos condenam a sofrer nossa sorte. A perspectiva parte agora do instante presente: a "fonte" está aqui mesmo, e não na vida transcorrida. O presente governa o espaço retrospectivo em vez de ser esmagado por ele. Assim, em vez de se sentir produzido por seu passado, Rousseau descobre que o passado se produz e se move nele, no surgimento de uma emoção *atual*.

"Terei sempre" o estilo "*que me vier*": a fórmula é significativa. Indica a vontade de ceder a iniciativa à linguagem: Rousseau deixa falar sua emoção e aceita escrever sob ditado. Não terá o leme nas mãos, mas se deixará invadir pela lembrança e pelas palavras. Vê-se surgir aqui uma nova concepção da linguagem (cuja fortuna irá até o surrealismo).

Por certo, Rousseau está longe de renunciar à idéia tradicional que vê na linguagem um instrumento que o escritor se esforça por governar: a linguagem é simplesmente um meio, uma ferramenta que se utiliza como qualquer ferramenta material. E Rousseau restabelece bem depressa o princípio de uma dominação do escritor sobre o estilo, quando acrescenta: "Eu o mudarei segundo o meu humor...". Ele entende então dispor soberanamente de sua linguagem, enquanto se deixa conduzir por seu humor. Contudo, a página que acabamos de ler faz despontar a atitude nova: deixar agir a linguagem, não intervir. A partir daí a relação entre o sujeito falante e a linguagem deixa de ser uma relação instrumental, análoga à do trabalhador com sua ferramenta; agora o sujeito e a linguagem não são mais exteriores um ao outro. O sujeito é sua emoção, e a emoção é imediatamente linguagem. Sujeito, linguagem, emoção já não se deixam distinguir. A emoção é o sujeito que se desvela, e a linguagem é a emoção que se fala. Na inspiração narrativa, Jean-Jacques é imediatamente sua linguagem. A palavra é uma e mesma coisa com o sujeito, como Galatéia *viva* é uma e mesma coisa com o "eu" de Pigmalião. Sem dúvida, a palavra tem sempre por função "mediatizar" a relação entre o eu e os outros. Mas já não é um instrumento distinto do eu que a utiliza; é o próprio eu. É preciso aqui citar Hegel, pois foi ele quem propôs a melhor análise da linguagem da "convicção interior", tal como aparece em Rousseau: "A linguagem é a consciência de si que é para os outros, que está presente imediatamente como tal... O conteúdo da linguagem da boa consciência é o Si que se sabe como essência. É isso apenas que a linguagem exprime".[34] Dizer-se é a ação essencial, mas é uma ação em que o eu não sai de si mesmo.

A tarefa de mostrar-se, que parecia infinita, vai agora parecer estranhamente fácil. Trata-se apenas de se abandonar docilmente ao sentimento, e de confiar-lhe a palavra. O que garantirá a verdade da autobiografia é essa não-resistência ao sentimento e à lembrança. Não estamos mais diante da empresa árdua de inventar uma nova linguagem; ei-la toda inventada,

tão logo não dirigimos mais nossa atenção para a *técnica* da palavra, tão logo renunciamos a *fazer* uma obra literária. O eu, unicamente atento a si mesmo, não pensará nem na obra, nem na linguagem-ferramenta. A obra se fará como puder, e é nisso precisamente que residirá sua verdade. Quando Rousseau falara da imensa dificuldade da expressão, considerava ainda o ato de escrever como um meio a ser empregado para "desenredar esse caos imenso de sentimentos tão diversos". Mas o problema da linguagem se dissipa desde o instante em que o ato de escrever não é mais encarado como um meio instrumental utilizado tendo em vista o desvelamento da verdade, mas como o próprio desvelamento. Isso não é nada mais que reivindicar, *hic et nunc*, as prerrogativas expressivas que o *Ensaio sobre a origem das línguas* atribuía à "língua primitiva". A linguagem é a emoção imediatamente expressa, e em vez de ser a ferramenta convencional que serve para a revelação de uma realidade oculta, é ela própria o segredo revelado, o oculto tornado instantaneamente manifesto. Além disso, essa fidelidade espontânea que liga a palavra à emoção serve de garantia a todo o resto: a verdade imediata da linguagem garante a verdade do passado tal como foi vivido. Ela propaga retrospectivamente sua própria pureza, sua inocência, sua evidência. Tudo aquilo que, na vida de Jean-Jacques, foi mentira ou vício é reabsorvido e se purifica na transparência atual da confissão.

Pintarei duplamente o estado de minha alma. Rousseau se concede a possibilidade de uma dupla verdade, ali onde se teria podido temer um duplo fracasso. Se se houvesse tratado de exumar do passado um fato exato, de localizá-lo com precisão e de descrevê-lo tal como se produziu, era grande o risco de conseguir apenas um resultado incerto e lacunar. Ao considerar o fato antigo como um objeto, tudo me prova a impossibilidade em que estou de reconstituí-lo tal e qual: minha memória de evocação não é infinita, é falível. Poucas cenas lhe permanecem realmente presentes. O resto se esvaece desde que ela pretende tocá-lo... Além disso, o estado de alma em que me encontro agora não oblitera meu olhar sobre o passado? Minha emoção presente não é como um prisma através do qual minha vida antiga muda de forma e de cor? Segundo as horas, não me parece ela mais sombria ou mais clara? Voltar-se para apreender o passado objetivo é Orfeu se voltando para ver Eurídice... Ao que Rousseau responde, como no mito da estátua de Glauco, que o essencial permaneceu intacto. Pois o essencial não é o fato objetivo, mas o sentimento; e o sentimento de outrora pode surgir novamente, irromper em sua alma, tornar-se emoção atual. Ainda que a "cadeia dos acontecimentos" não seja mais acessível à sua memória,

resta-lhe a "cadeia dos sentimentos", em torno dos quais poderá reconstruir os fatos materiais esquecidos. O sentimento é, portanto, o coração indestrutível da memória, e é a partir do sentimento que, por uma espécie de indução, Jean-Jacques poderá redescobrir as circunstâncias exteriores, as "causas ocasionais":

> Todos os papéis que eu reunira para suprir minha memória e guiar-me nessa empresa, passados para outras mãos, não voltarão mais às minhas. Tenho apenas um guia fiel com o qual possa contar; é a cadeia dos sentimentos que marcaram a sucessão de meu ser, e, por meio deles, a dos acontecimentos que deles foram a causa ou o efeito. Esqueço facilmente minhas infelicidades, mas não posso esquecer minhas faltas, e esqueço ainda menos meus bons sentimentos. Sua lembrança me é demasiadamente cara para apagar-se algum dia de meu coração. Posso cometer omissões nos fatos, transposições, erros de datas; mas *não me posso enganar sobre o que senti*, nem sobre aquilo que meus sentimentos me fizeram fazer; e aí está do que principalmente se trata. O objeto próprio de minhas confissões é fazer conhecer exatamente o meu interior em todas as situações de minha vida. Foi a história de minha alma que prometi, e para escrevê-la fielmente não tenho necessidade de outras memórias: basta-me, como fiz até aqui, penetrar dentro de mim.[35]

A memória afetiva parece, então, infalível. É por ela apenas, e não por uma reflexão severa, que uma verdadeira ressurreição do passado pode produzir-se: "Ao me dizer, gozei, gozo ainda".[36] Há mais, a lembrança se apresenta freqüentemente como uma emoção mais intensa, possui uma acuidade muito mais perturbadora que a impressão original. É por isso que o passado, longe de esfumar-se na memória, aí se amplifica e adquire uma ressonância mais profunda: "Os objetos causam menos impressão sobre mim do que suas lembranças".[37] A emoção revelará sua verdadeira "dimensão" apenas quando for revivida... Por certo, há exceções nessas ressurreições infalíveis. Há felicidades que não podem mais se traduzir em palavras. Há momentos por demais deslumbrantes dos quais Jean-Jacques jamais redescobrirá o conteúdo. Assim ocorre com sua iluminação na estrada de Vincennes: "Oh, senhor", escreve Rousseau a Malesherbes, "se jamais houvesse podido escrever um quarto do que vi e senti sob aquela árvore"...[38]

De resto, pouco importa a exatidão da reminiscência. Que ressoe e se amplifique a lembrança, que se confunda com o sentimento atual até não mais dele distinguir-se. Rousseau quer pintar sua alma contando-nos a história de sua vida; o que importa acima de tudo não é a verdade histórica, é a emoção de uma consciência deixando o passado emergir e representar-se nela. Se a imagem é falsa, ao menos a emoção atual não o é. A verdade que Rousseau quer comunicar-nos não é a exata localização dos fatos biográficos, mas a relação que ele mantém com o seu passado. Ele se pintará duplamente, já que, em vez de reconstituir simplesmente sua história, conta-se a si mesmo tal como revive sua história ao escrevê-la. Pouco importa, então, se preenche pela imaginação as lacunas de sua memória; a qualidade de nossos sonhos não exprime a nossa natureza? Pouco importa a parca semelhança "anedótica" do auto-retrato, pois que a alma do pintor manifestou-se pela maneira, pela pincelada, pelo estilo. Ao deformar sua imagem, ele revela uma realidade mais essencial, que é o olhar que dirige a si mesmo, a impossibilidade em que está de apreender-se de outra maneira que não se deformando. Já não pretende dominar seu objeto (que é ele mesmo) do modo imparcial e frio que seria o do historiador, possuidor de uma verdade *ne varietur*. Ele se expõe em sua busca e em seu erro, conjuntamente com o objeto incerto que crê apreender. Esse conjunto constitui uma verdade mais completa, mas que escapa às leis habituais da verificação. Não estamos mais no domínio da *verdade* (da *história* verídica), estamos agora no da *autenticidade* (do *discurso* autêntico).

Rousseau escreve a dom Deschamps: "Estou convencido de que se está sempre muito bem pintado quando se pintou a si mesmo, ainda quando o retrato não se parecesse nem um pouco".[39] Não há auto-retrato não parecido, pois a semelhança não está de maneira nenhuma na imagem representada, mas na presença do eu no interior de sua palavra. O auto-retrato não será, portanto, a cópia mais ou menos fiel de um eu-objeto, mas o rastro vivo dessa ação que é a busca de si. Eu *sou* a minha busca de mim mesmo. E, mesmo quando esqueço de mim e me perco em minha palavra, essa palavra me revela e me exprime ainda. (Nos *Diálogos*, Rousseau dirá que toda a sua obra não passa de um auto-retrato.) A palavra autêntica é uma palavra que não se sujeita mais a imitar um dado preexistente: ela é livre para deformar e inventar, com a condição de permanecer fiel à sua própria lei. Ora, essa lei interna escapa a todo controle e a toda discussão. A lei da autenticidade não proíbe nada, mas jamais está satisfeita. Não exige que a palavra *reproduza* uma realidade prévia, mas que *produza* a sua verdade em um desenvolvimento livre e ininterrupto. Admite, ordena até que o escritor, renunciando a procurar seu "verdadeiro eu" em um passado cristalizado, o constitua ao escrever. Ela dá, assim, um valor de verdade ao ato que a moral rigorosa poderia condenar por ser uma ficção, uma invenção incontrolável.[40]

Nesse ponto, a sinceridade não implica uma reflexão sobre si mesmo. Ela não se debruça (como diz a fórmula consagrada) sobre um eu preexistente que se trataria de exprimir por completo, com uma fidelidade descritiva que manteria a distância necessária ao julgamento. Essa sinceridade refletida, que divide o ser e condena a consciência a uma irredutível separação, é suplantada por uma sinceridade irrefletida. Pois a autenticidade não é nada mais que uma sinceridade sem distância e

sem reflexão, uma espontaneidade que já não está sujeita a um objeto que a precederia e ao qual deveria obediência. A palavra autêntica se consuma no abandono despreocupado ao impulso imediato. Então, a coincidência da palavra e do ser se dá de saída, no ímpeto mesmo da afirmação do eu "que se sabe como essência", segundo os termos de Hegel; a coincidência da palavra e do ser já não é um problema, mas um dado primeiro. Ao avanço prudente de uma reflexão que busca delimitar seu objeto sucede a livre criação de si. Já não é necessário que o eu remonte em busca de sua fonte; essa fonte está aqui mesmo, no instante presente em que a emoção surge. Tudo se passa, com efeito, num presente tão puro que o próprio passado é aí revivido como sentimento presente. A grande questão, em conseqüência, não é de se pensar nem de se julgar, mas de *ser-se*.

Em uma ética da autenticidade, a divisa de Rousseau, *vitam impendere vero*, torna-se sinônimo de *vitam impendere sibi*. Pois o verdadeiro a que deve consagrar sua vida é em primeiro lugar a *sua* verdade, o pacto com o verdadeiro é um pacto consigo mesmo. O imperativo de *ser-se* (que Rousseau repetia a Bernardin de Saint-Pierre) não o obriga a entregar sua vida a uma verdade abstrata previamente estabelecida,[41] obriga-o apenas a aceitar-se como fonte absoluta. Isso parece infinitamente fácil, já que, em todas as circunstâncias e fazendo o que quer que seja, todos os seus atos o exprimem. Corro o perigo de não ser eu? Sim, pensa Rousseau, corro o perigo de me escapar pois o homem possui o dom da reflexão, isto é, o perigoso privilégio de viver distanciado de si mesmo; em conseqüência, *ser-se* não é tão fácil como parece. Jamais acabamos de nos recuperar da reflexão que nos aliena. Senão, porque seria preciso *dizer-se* tão longamente a fim de ser-se? Isso significa que a unidade indivisa ainda não é possuída. Ter de continuar a escrever e a justificar-se prova que nunca se faz mais do que começar a ser-se, e que a tarefa está sempre diante de nós.

É aqui apenas que se avalia toda a novidade trazida pela obra de Rousseau. A linguagem tornou-se o lugar de uma experiência imediata, enquanto permanece o instrumento de uma mediação. Ela atesta ao mesmo tempo a inerência do escritor à sua "fonte" interior e a necessidade de fazer face a um julgamento, isto é, de ser justificado no universal. Essa linguagem não tem mais nada em comum com o "discurso" clássico. É infinitamente mais imperiosa, e infinitamente mais precária. A palavra *é* o eu autêntico, mas por outro lado revela que a perfeita autenticidade ainda falta, que a plenitude deve ainda ser conquistada, que nada está assegurado se a testemunha recusa o seu consentimento. A obra literária já não pede o assentimento do leitor sobre uma verdade interposta como "terceira pessoa" entre o escritor e seu público; o escritor se mostra

por sua obra e pede o assentimento sobre a verdade de sua experiência pessoal. Rousseau descobriu esses problemas; verdadeiramente inventou a atitude nova que se tornará a da literatura moderna (para além do romantismo sentimental pelo qual se tornou Jean-Jacques responsável); pode-se dizer que ele foi o primeiro a viver de uma maneira exemplar o perigoso pacto do eu com a linguagem: a "nova aliança" na qual o homem se faz verbo.